

Por um momento, um dia, uma vida ou sei lá o quê...

Hugo Bessa

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

Roberto

Embora suas mãos estivessem no teclado e seus dedos apertassem as teclas de maneira contundente, formando frases completas na tela, seus pensamentos não estavam lá. Há tempos, não estavam. Seus gestos eram automáticos, iguais aos parágrafos que escrevia com rapidez incomum. Mantinha ali seu corpo. A alma nunca pertenceu àquele lugar.

Quem observava de longe, julgava-o calmo. A expressão impassível, o jeito de se sentar relaxado, quase nas costas, e o pé direito balançando em velocidade moderada. A verdade é que Roberto sentia vontade de incinerar aquele lugar. Ao longo dos anos, tinha se imaginado quebrando tudo, mas foi chegando à conclusão de que o fogo era a melhor solução para não restar nada, nem chance de reconstrução. Até que um dia ele mesmo duvidasse da existência daquela empresa.

E, enquanto o prédio estivesse em chamas, se sentaria no meio-fio do outro lado da rua com seu cigarro e seu uísque... Uísque não, cachaça, que é mais festiva. Sentaria-se com o seu cigarro e a sua cachaça e ficaria olhando, até que toda a fumaça estivesse tão longe, que se confundisse com as nuvens, como num encontro do céu e o purgatório, embora não acreditasse em nenhum dos dois.

Olhava o prédio em chamas, quando o barulho irritante que anunciava uma nova mensagem na caixa de e-mail o trouxe de volta, um som agudo, e aparentemente inofensivo, mas capaz de aniquilar sonhos. “Feedback semestral – Sala 12”. Quarenta minutos antes desse aviso definitivo, Roberto buscou maneiras de escapar do compromisso. Uma dor de cabeça? Não, seria uma desculpa leve demais para desmarcar algo agendado há semanas. Uma diarreia? Muito humilhante para compartilhar com seu chefe. Morte na família? Demasiadamente trágico, e teria que sustentar por dias.

Cinco minutos antes do aviso piscar, decidiu não complicar as coisas e encarar o feedback de frente pela trigésima vez. Pelas suas contas, era aquilo mesmo. Se a empresa adotou o feedback há cerca de 15 anos e ele era semestral: trinta vezes. Trinta vezes escutando a mesma coisa: precisava se relacionar melhor com as outras áreas da companhia e buscar o autodesenvolvimento.

Quanta idiotice! É tão burro a ponto de não ter aprendido nada em quinze anos? Ou o seu chefe não era criativo e crítico o suficiente para encontrar apontamentos melhores? Sempre dois conselhos genéricos e corporativos, que descartava no mesmo instante.

Buscar o autodesenvolvimento? Pro cacete com esse clichê! Lembrou-se de sua chegada à empresa, 27 anos antes, ainda um estagiário de direito cheio de sonhos. E atualmente era um gerente sem sonho algum. Por muito tempo quis, sim, aquele cargo, e agora que o tinha, questionava a importância de comandar o departamento responsável por processos movidos por clientes da construtora. Não fazia a diferença na

vida de ninguém. Quer dizer, na verdade, fazia sim: fodia as pessoas sempre que possível. Aquele cargo servia para apenas uma coisa: invalidar os argumentos de seu chefe no feedback. Se galgar uma carreira de estagiário a gerente não era se desenvolver, o que poderia ser?

Quando o aviso do feedback piscou de novo na tela no computador, levantou-se quase de forma automática, como se um alarme despertasse dentro de si. Era melhor ir logo. Bastava se sentar na sala de reunião, olhar para seu chefe e concordar com a fala dele por meio de pequenos movimentos com a cabeça. Nada entusiasticamente afirmativo, para que ele não pensasse que tinha total razão, nem demasiadamente apático, para não passar indiferença. Não era preciso escutar a fala na íntegra e tampouco compreendê-la, bastaria ouvir uma ou outra afirmação, para movimentar a cabeça no instante certo.

Enquanto caminhava na direção da sala de reunião de número 12, perguntou-se de quem havia sido a bendita ideia de trazer a prática do feedback para o Brasil. A pessoa nem se deu ao trabalho de traduzir a palavra, talvez porque não houvesse mesmo tradução para uma conversa fiada, na qual uma pessoa fica dando conselhos para outra, que, no geral, não tem o mínimo interesse em colocá-los em prática.

Ao abrir a porta da sala 12, encontrou-a vazia e sentiu todos os seus músculos relaxarem. Teria alguns minutos para espantar o fumaceiro que ainda mantinha dentro de si. Não que estivesse nervoso pelo que ouviria, porque sabia de cor. Estava nervoso de raiva. Raiva, não. Raiva era pouco. Estava puto. Gostava daquela palavra. Puto. Passa a impressão de

um raivoso desafiador. Putão. Putaço. Estava putaço, não com o feedback em si, mas com o que ele representava: mais um ciclo ali. E a culpa era dele mesmo. 27 anos de empresa. 15 anos de feedback. Nem um minuto de felicidade. Pelo menos, não nos últimos 15 anos.

Na época em que se formou em advocacia, imaginava-se defendendo grandes causas, vencendo as injustiças, porém logo aprendeu que a grande causa da sua vida era sobreviver e ter conforto. Aceitou o primeiro emprego no qual o aceitaram e de lá não saiu. Suas grandes causas foram um corrimão solto que motivou a queda de um idoso e a delação premiada de um dos executivos da companhia.

Escutou passos no corredor. Passos lentos e cansados, quase se arrastando. Era ele. Ajeitou-se na cadeira, de forma a parecer indiferente. Descruzou os braços e os deixou esticados na mesa. Não, artificial demais. Deixou-os semidobrados e entrelaçou os dedos das mãos. Em poucos segundos, a tortura começaria, seu chefe entraria com sua respiração ofegante, parecendo um grande búfalo recém-ferido, e com o suor excessivo debaixo dos braços manchando a camisa, sua marca registrada.

Enquanto a porta se abria, ficou ainda mais putaço. Sabia quais seriam as primeiras palavras que ouviria. A brincadeira idiota de sempre, também completando 15 anos: “e aí, pronto pro *fodeback*?”. O famoso tio do pavê do ambiente corporativo. Dito e feito.

Cogitou rir, como em todos os anos, fingir achar graça daquela frase idiota. Tentou até esboçar um sorriso completo, mas seus lábios congelaram em um meio sorriso que pareceu

um espasmo. Enquanto seu chefe balbuciava algo ao fundo, Roberto teve seus pensamentos raptados pelos últimos acontecimentos da sua vida, e aquele momento de feedback ficou ainda menor e desnecessário. Não queria escutar os conselhos de sempre. Não precisava. Tinha coisas importantes a fazer.

A partir do instante em que seu chefe começou a divagar sobre autodesenvolvimento, Roberto não pensava mais em nada, e disse em voz alta o que repetiu mentalmente por anos.

— Pega esse autodesenvolvimento e enfia no cu! — E prosseguiu mesmo quando seu chefe soltou uma risada reticente, tentando descobrir se era uma brincadeira: — Eu não estou a fim de escutar esse papo furado, Mendes. Não me interessa o que você acha ou deixa de achar, porque você é só um bosta aqui dentro, tanto quanto eu, e no fundo o que a gente quer é ganhar dinheiro e ir para casa sem *encheção* de saco. Só que o meu saco já tá cheio, estourou, entendeu? Então, pega o autodesenvolvimento e a interação com essas áreas chatas dessa empresa, cheias de gente prepotente, e enfia no meio do seu...

Achou melhor não repetir a palavra duas vezes, pois perderia o impacto. Deixou-a no ar e saiu sem aguardar qualquer reação de Mendes. Ao bater a porta da sala 12 atrás de si, nem por um segundo considerou olhar para trás. Pisou firme pelos corredores, até chegar ao saguão do andar. Apertou o botão do elevador tão forte, que quase o afundou. Queria ter certeza de que aquela caixa de metal viria logo tirá-lo dali. Enxergou a fumaça saindo do prédio e se dispersando no céu. Não haveria barulho capaz de despertá-lo e dizer que aquilo não era verdade.

Na garagem do subsolo, ao sentar-se em seu carro, foi como se finalmente só restassem cinzas, e sentiu suas rugas molhadas. Choro ou suor? Conseguiu fazer aquilo? Parecia que havia apenas assistido à cena, e não atuado nela. Tentou repassar suas falas, nada gentis, mas verdadeiras. Mendes agora que as enfiasse onde bem entendesse. Tirou o crachá do pescoço e o jogou no porta-objetos do carro. A 3x4 do advogado cheio de sonhos ficou o encarando.

Olhou-se pelo retrovisor. Cabelos brancos e pés de galinha para todos os lados. Um tempo perdido. Quantas vezes sonhou que destruía aquele lugar de variadas formas? E apenas agora, aos 56 anos, tinha feito. De um jeito simples, sem sujar as mãos. Nada programado, da forma como ele acreditava que deveria ser tudo na vida. Até então.

Espiou o relógio do carro. Duas e meia da tarde. Precisava sair logo dali. Em seus piores pesadelos, alguém impedia a sua fuga. Se preciso fosse, atravessaria sem dó qualquer obstáculo que surgisse em seu caminho. Acelerou o automóvel, que deslizou decidido pela garagem até o portão de saída. Ao cruzar a linha do início da calçada, aprendeu a respirar novamente um ar despoluído de tensão.

Atravessou toda a cidade, passando pelo parque central, onde diariamente, a caminho do trabalho, observava pessoas correndo ou andando despreocupadas, e se perguntava do que viviam, que privilégio tinham para não estarem trabalhando, para seguirem em outro compasso. Agora, ele seria um desses privilegiados. Sentia-se descobrindo um novo mundo. Às três da tarde, as cores da vida eram diferentes. O ritmo também.

Entrou no bairro planejado, reduto dos militares, passando por casas quase todas iguais. Via a si como uma delas. Construiu sua vida de modo a se encaixar no que já existia. O talentoso advogado de uma grande empresa. O executivo bem-sucedido. Agora, merda nenhuma. Melhor assim. Preferia ser uma merda.

Ao chegar na esquina da Rua do Potássio com a Rua das Águas Claras, Roberto parou. Ficou por alguns minutos em inércia, quebrada apenas pelo barulho do isqueiro, acionado para acender o cigarro. Degustou-o quase por inteiro, antes de conferir as quatro direções que formavam o cruzamento e avançar, ignorando um detalhe de cor: o amarelo do semáforo. E o silêncio daquelas ruas foi quebrado por um som sólido. Pareceu uma explosão.

Joana

A chaleira começou a apitar fino, e Joana ainda demorou alguns segundos para se afastar de seus pensamentos e voltar à realidade. Respirou fundo e foi na direção do fogão. Ansiava poder desligar era seu cérebro, afastar-se dos devaneios inapropriados para a sua idade. Não achava certo uma mulher de cinquenta anos ficar sonhando com romances impossíveis e beijos calorosos com desconhecidos. Mas, justificava para si mesma, era seu único prazer, imaginar-se nos cenários das novelas a que assistia, viver histórias impossíveis, fugir da realidade.

Enquanto divagava, escutou o marido gritando da sala para avisar que a água estava fervendo. Será que ele a considerava surda? Não poderia condená-lo... Pronto. Silêncio. Detestava o silêncio. Ele fazia gritar tanta coisa dentro dela. Era uma fresta que se abria para se lembrar de Júlia. Sua melhor filha. Por que justo ela? E para não ficar se fazendo uma pergunta para a qual nunca teria resposta, preferia sonhar. Imaginava-se em Paraty com o empresário sedutor da novela das nove. Ele a levava para um passeio de barco e os dois se perdiam nas ilhas da região. Sonhava com o borracheiro da novela das sete. Ele a socorria no meio de uma estrada deserta, e eles faziam amor ali mesmo.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Granjon LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2023.
